

# ESTRANHAS CONSEQUENCIAS DA INFLAÇÃO

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Outro dia ouvi de um pobre doente uma queixa da instabilidade da moeda, uma crítica às espaciais inflacionárias que até agora, creio eu, escapou aos estudiosos do assunto. Contou-me que vive da caridade avulsa e da mensal. Pessoas bondosas, anos atrás, num desses momentos de brusca generosidade que às vezes dá na gente, estipularam uma cifra mensal que o pobre doente vem recebendo com regularidade. Depois do impulso segue-se a praxe, e aqui intervem a malignidade da inflação. Os anos passam, o cruzeiro se desvaloriza, e com êle desvaloriza-se a mesada e a generosidade do doador. O que dava para o pão com alguma manteiga, já não dá para o pão seco. O pobre não tem jeito de pedir aumento ou revisão de tarifas; não tem ministérios; não tem sindicatos. E quem fixou a soma, no tal momento de brusca bondade, não tem estalos de amor todos os meses, e não se lembra de reajustar a inicial bondade ao novo padrão monetário; e assim a inflação, além dos outros males que já têm sido estudados, nos aparece como um mecanismo contra o amor.

Essas considerações talvez não sejam convincentes para os desenvolvimentistas que vêm na inflação um processo estimulador de grandes realizações, mas espero que possam produzir nos doadores um renovado ímpeto de generosidade.

Allás, o que acontece com o pobre também acontece com os pobres. O povo católico resolveu fin-

gir que a moeda é estável, e continua a jogar na sacola da coleta dominical a mesma cédula azul de um cruzeiro que há dez anos valia dez vezes mais. Paga-se dez cruzeiros ao engraxate, cinco ou mais ao olheiro que passa um pano no vidro do automóvel, mas à igreja basta um cruzeiro por semana. O pobre do vigário, depois da missa, vê tudo azul, melancolicamente azul, na cesta da coleta. E até nisto se observa a malignidade diabólica da inflação: a côr do céu se transforma em símbolo de miséria.

E é por essas e outras que os padres menos resistentes se vêm obrigados a procurar os ricos anunciantes, os poderosos, os candidatos em vésperas de eleições, e o próprio Presidente da República, para conseguirem manter o culto e as obras neste grande país que se gaba de ser o maior povo católico do mundo. E' mais cômodo procurar o dinheiro onde êle está acumulado do que esperar a prolongada soma de parcelas miseráveis. E às vezes, graças a uma restrição mental e à consideração da sublimidade dos fins, o pobre do padre não resiste às seduções das marmeladas. Ora, os católicos deviam saber, na ponta da língua, que para o bem da Igreja os padres devem ser independentes em relação ao poder civil, e para o bem comum temporal seria desejável, sumamente desejável, que o bom exemplo partisse das pessoas investidas de dignidade sacerdotal. Tratemos pois de aumentar nossas contribuições se queremos alcançar tão excelentes objetivos.